

Resistência pessoal ampara professores

Em Porto Alegre, a professora Vera Peixoto da Silva, de 45 anos, pós-graduada em psicomotricidade, vende roupas para engordar seu salário. Com 15 anos de trabalho, ela ganha pouco mais que dois salários mínimos por mês: Cr\$ 1,2 milhão. "Nos últimos cinco anos, já vendi de tudo para reforçar o orçamento: de bijuterias a brinquedos e eletrônicos", conta.

Como muitos outros professores brasileiros, que ainda atribuem à profissão alguma coisa de sacerdócio, Vera ainda não se sente completamente desanimada. Nem pensa em abandonar os 25 alunos de 1ª série para os quais leciona, no Anexo do Instituto Flores da Cunha, na capital gaúcha. "Trabalho na alfabetização com paixão", diz ela.

Recentemente Vera obteve uma pequena conquista: conseguiu uma outra turma, de 2ª série, para ensinar no período da tarde. "Vou continuar vendendo roupas para os parentes e vizinhos e usando os fins de semana para planejar aulas, preparar e corrigir provas." Em alguns destes fins de semana, porém, ela terá que viajar até Santa Catarina, para abas-

tecer-se em malharias.

No Recife, a professora Evá Maria dos Santos, de 47 anos, não resistiu. Ensinando há 15 anos para crianças visivelmente carentes e agressivas, ela licenciou-se há três meses do cargo, com problemas de depressão. Com seu salário de Cr\$ 1,2 milhão por mês, ela já nem consegue pagar a prestação da pequena casa da Cohab, que comprou há dois anos, na Macaxeira, subúrbio de Recife.

Eva pretende voltar ao trabalho no final do ano. Enquanto se submete a tratamento médico, ela faz biscoitos e salgadinhos para vender em escolas e complementar o salário. "Me sinto o tempo todo desrespeitada", diz. "Quero contribuir para um Brasil melhor, mas não me dão condições mínimas para isso".

Quando retornar às atividades, a professora pernambucana pedirá para não ser mais colocada em sala de aula. Prefere alguma atividade técnica, na retaguarda. Embora goste de ensinar, ela, como outros professores brasileiros, considera extremamente desgastante enfrentar turmas de 30 ou mais adolescentes,

frequentemente carentes e com pouca disposição para aprender.

Ao longo de 15 anos de atividades, Eva viu quase todos seus sonhos esboroarem. No passado, imaginou até a possibilidade de um dia abrir sua própria escola. Hoje, com a companhia da filha de 17 anos, controla minuciosamente os gastos. "Não tenho como ir ao cinema, comprar livros e revistas", conta. Ainda assim ela gosta de dizer que não perdeu todas as esperanças. "Essa situação tem de mudar e um dia vai mesmo mudar", afirma. "O caminho para isso é a pressão, a tomada de consciência sobre a qualidade do ensino."

Os problemas com os professores podem ser encontrados onde quer que se apontem os indicadores. No Rio, o professor de biologia Enocir Chaves de Mello, de 47 anos, pai de dois adolescentes, dá aula em três escolas, de manhã, à tarde e à noite, e em bairros distantes. Tudo isso para ganhar Cr\$ 5 milhões por mês. "Acho que continuo na profissão porque gosto e não sei fazer outra coisa", diz.

(Ayrton Centeno, Ângela Lacerda e Gabriel Nogueira)